

Transcrição da Escola de Comunidade de Julián Carrón Milão, 17 de junho de 2015

Texto de referência: Julián Carrón, Introdução, em UMA PRESENÇA NO OLHAR, supl. de Passos, julho 2015; Luigi Giussani, “A continuidade de Jesus Cristo: raiz da consciência que a Igreja tem de si mesma”, Por que a Igreja, Editora Cia Ilimitada, São Paulo, 2015, pp. 105-115.

- *Por tudo meu Jesus*
- *Favola*

Glória

Carrón: Tínhamos deixado como tarefa, continuar o trabalho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade e sobre o capítulo de *Por que a Igreja* que trata do tema da Ressurreição. A primeira pergunta é exatamente sobre isso: “No encontro semanal do nosso grupo de Escola de Comunidade, no qual líamos o capítulo sobre a permanência de Jesus entre os homens, surgiram algumas questões que geraram discussões animadas. Alguns afirmavam que é possível viver bem o presente quando há a certeza da Ressurreição e da vida eterna, outros sustentavam que a eternidade é uma promessa e que é possível experimentar o cêntuplo aqui e agora, dentro da realidade presente, tanto que mesmo se depois, de modo absurdo, não existisse nada, mesmo assim seria pleno e belo viver. Talvez seja apenas uma discussão teórica, porém essas duas visões em relação à Ressurreição nos instigou. Então, percebemos que precisamos de um esclarecimento sobre essa questão. Depois, começamos outra discussão: um de nós dizia que em algumas situações maldiria o fato de ser cristão, porque ser cristão faz com que ele faça uma experiência difícil em certas ocasiões, menos feliz e menos satisfatória. Também discutimos bastante sobre isso: ser cristãos não poupa nenhuma dificuldade da vida cotidiana, mas acaso não é verdade que quando usamos o critério de juízo que nasce da fé podemos fazer uma experiência de verdadeira letícia?”. Essa é a verificação que cada um de nós é chamado a fazer, caso contrário torna-se uma discussão estéril (porque, depois, cada um faz a verificação na realidade a partir do ponto de vista que defende). Se diante das circunstâncias a pessoa não encontra na fé uma ajuda para viver, maldirá o fato de ser cristão. Por isso, nos Exercícios, dissemos que a fé não pode dizer: “É assim e basta”, requerendo uma aprovação gratuita, porque está ligada à experiência, tanto é verdade – diz Dom Giussani – que deve comparecer diante do tribunal da própria experiência. A Igreja não pode enganar propondo algo que não é capaz de realizar, e eu também não posso enganar, porque para afirmar a verdade não preciso fazer um jogo de cartas marcadas. Se a pessoa, a um certo ponto, não consegue se perceber vivendo de modo diferente a realidade, a circunstância difícil graças à fé, pouco a pouco a fé perderá sua razoabilidade, e terá uma data de validade. Por isso, não é a discussão teórica que resolve a questão; o que resolve, aquilo a que Dom Giussani nos convidou constantemente, é a verificação da fé na experiência. De outro modo, não podemos sair desse “obstáculo” que a fé, como qualquer outra realidade da história e da vida, faz emergir: é verdadeiro, ou não é verdadeiro? A verdade emerge diante dos meus olhos somente na experiência.

Colocação: *Nestas últimas semanas me forcei a ler o texto da Escola de Comunidade todos os dias porque, infelizmente, ainda não é uma coisa natural para mim, e normalmente o faço contra a vontade. No entanto, entendo que, mesmo que eu não sinta um entusiasmo, a Escola de Comunidade é o primeiro instrumento que tenho para compreender verdadeiramente as coisas; sozinha, ficaria na superfície. Diante desse trabalho de comparação, ficou claro que ainda domina a mesquinhez, a negligência e a confusão do meu eu. Diante de fatos dramáticos da minha vida nunca senti Cristo distante, aliás, meu relacionamento com Ele aprofundou-se exatamente nesses momentos. Constatado, ao contrário, não sem tristeza, que é no cotidiano, nas coisas comuns do dia a dia, que me afasto d’Ele. Na página 11 do livreto, lemos: “O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal [...], a afirmação das circunstâncias concretas e*

sensíveis, de forma que a pessoa não sente anseio de grandeza quando se vê limitada naquilo que deve fazer: aquilo que deve fazer, mesmo se pequeno, é grande, porque ali dentro vibra a Ressurreição”. Porém, eu, normalmente, quando estou em casa, na normalidade do dia, me vejo pensando: Isso é tudo? A normalidade torna-se banal e começo a desejar outra coisa, gostaria de fazer outra coisa. Penso: se alguém estivesse aqui, ou se eu fizesse outra coisa, então, sim, valeria a pena, e sinto um peso dentro de mim, como se eu fosse o responsável por transformar a minha realidade em algo diferente. Essa percepção que tenho das coisas não me deixa indiferente, ao contrário, causa-me muita dor porque me vejo olhando com tristeza para a minha família e para a minha realidade. Gostaria de viver, não com a pretensão de que o mundo em minha volta mude, mas com a esperança de mudar como Cristo me pede. O que significa viver a ressurreição de Cristo nas coisas cotidianas? Como é para você? Como a Ressurreição o faz olhar para as coisas e as pessoas na normalidade do dia? Desejo viver à luz desse olhar de vitória e tê-lo para mim, mas normalmente sinto um peso no coração.

Carrón: Esta é uma exemplificação daquilo que acabamos de dizer. Se a Ressurreição não é uma experiência, eu vivo triste, vivo as circunstâncias dizendo: “Isso é tudo?”. Encontramos a resposta a essa pergunta naquilo que Dom Giussani nos diz quando nos comunica uma experiência: “Está no Mistério da Ressurreição o cume e o ponto alto da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo com o qual olho para todas as pessoas e todas as coisas” (p.11). Não há outro olhar, amigos! Se eu não recupero esse olhar – já lhes disse em tantas ocasiões –, não poderia me olhar bem. Entendo que você não pode olhar para qualquer coisa, para seu marido ou sua filha, sem deixar entrar esse olhar, sem dar crédito a esse olhar. Não sei como é possível viver a fé sem dar crédito a isso. Alguém me contou sobre uma garota americana que acabou de se converter ao catolicismo e que, respondendo à pergunta sobre o que significava para ela “sair de si”, afirmou: “É simples de entender. Antes, quando estava mal, escrevia no meu diário ou saía para andar sem destino; agora, se estou mal, começo a fazer Escola de Comunidade. E é eficaz. Isso quer dizer sair de si”. É a última que chegou! Por que os publicanos – já repeti diversas vezes – voltavam a Jesus? Porque no relacionamento com Ele era introduzido um modo novo de olhar a si mesmos, as coisas e as pessoas. Por isso, Giussani diz que a Ressurreição é “a chave do relacionamento entre mim e mim mesmo, entre mim e os homens” (p. 11). Entendo que Cristo ressuscitou, que a pessoa de Jesus de Nazaré que conquistou a vida vive, que não é um fato do passado, que não é uma devota lembrança, que não é um sentimento, que é uma presença que permanece no tempo, porque introduz um olhar novo sobre tudo e nós podemos tocá-lo com a mão em muitas ocasiões: lendo a Escola de Comunidade, através dos testemunhos de pessoas que nos mostram um modo de olhar a realidade onde vibra a ressurreição de Cristo. E isso faz com que as circunstâncias concretas comecem a ser diferentes. Por isso, a pessoa, naquela circunstância que é totalmente limitada e, portanto, não está à altura da interminável necessidade que você tem de plenitude, não tem uma necessidade de grandeza. O que precisa fazer é grandioso, embora pequeno, porque vibra dentro da ressurreição de Cristo. E qual é a forma mais imediata, mais simples de começar a entender essas coisas? Quando uma presença determina de tal modo o presente, o instante – que é e permanece cheio de limites –, o relacionamento amoroso explode como plenitude de significado. Porque todas as circunstâncias são limitadas! E quando nós não vemos essa superabundância, acabamos ou nos irritando com as circunstâncias ou querendo romper o limite das circunstâncias indo além das nossas possibilidades. Porém, quando você vê pessoas que, vivendo as circunstâncias cotidianas e banais de todos, estão contentes – ou seja, não têm aquela opacidade no rosto, aquele mal-estar permanente, aquela amargura de fundo –, então entende o que significa ser cheio de letícia porque Ele vive (e não porque as circunstâncias mudem ou se tornem maravilhosas). Você alguma vez já fez experiência, mesmo no relacionamento com as pessoas e com as coisas limitadas, de uma plenitude sem fim? Sim. Bem, essa é apenas uma imagem muito distante daquilo que Cristo introduz na vida. Se a Ressurreição não é isso, se Cristo não é a Presença que introduz essa novidade na vida, então estaríamos na neblina como todos, porque o desejo do homem é interminável, e a realidade é sempre limitada (“Isso é tudo?”). Mas, em certos momentos é como se esse horizonte se rompesse e começássemos a ver que o Mistério introduz algo de novo, que ainda

não nos é familiar, mas do qual já percebemos toda a verdade, toda a densidade de realidade, porque ficamos contentes, porque transbordamos, não porque as coisas “andaram bem”, mas por causa d’Ele. Se isso não é uma experiência, a Ressurreição permanece uma afeição absolutamente vazia, porque ali dentro – dentro, não ao lado, não depois, não imaginando uma situação diferente –, quando você está com seus filhos limpando o bumbum deles, vibra a Ressurreição de Cristo. Mesmo que ainda não seja familiar, Dom Giussani nos oferece essa possibilidade: olhem que é assim, mesmo que não seja ainda totalmente nosso. A questão é se começamos a dar crédito a isso, porque então começará a ser assim. E isso depende de quê? Depende de uma abertura.

Colocação. *O que tem me incomodado nestes últimos meses não é nenhum grande drama ou sei lá que coisa, mas, ao contrário, é a minha calma apática e minha frieza de coração.*

Carrón. A calma apática.

Colocação. *Sinto-me apático em relação a tudo. Nada muda. E não é que não tenha acontecido nada nesse período, ao contrário, aconteceram muitas coisas até importantes (por exemplo, a irmã de uma amiga querida ficou muito doente. E via que para os amigos isso não era um obstáculo ou um freio, mas era sempre motivo de juízo para não deixar a vida simplesmente passar, como acontece comigo). O que me deixa mais irritado é que eu vejo como meus amigos crescem, como aproveitam cada pequeno particular de seu dia para tirar algum fruto, ver o entusiasmo que têm quando me contam as coisas, entusiasmo tão grande que nem é preciso escutar o que estão dizendo, basta a expressão de seus rostos quando contam as coisas para entender que por trás daquelas palavras há muito mais. Portanto, preciso reencontrar o meu “muito mais”, mesmo que de modo banal porque não consigo estudar, não consigo prestar atenção nas aulas e, em novembro, me formo. A única certeza que tenho é que já vivi esse “a mais”, sei que existe e, portanto, também é para mim, mas não entendo o que me falta para reavê-lo. Rezo de manhã e à noite para que possa reencontrá-lo no decorrer do dia. Participo do Angelus todos os dias e tento ler a Escola de Comunidade. Mas, mesmo assim: apatia completa. Não consigo entender como recomeçar.*

Carrón. Não basta rezarmos, é preciso estar disponíveis, abertos. Na verdade, o que os seus amigos lhe testemunham? Por que você deseja crescer como eles? Porque eles colhem – você diz – em cada particular do dia aquilo que existe. Não é um problema de voluntarismo, não é um problema de eficiência: o problema é colher aquilo que existe. Você vê isso pelo entusiasmo que seus amigos têm quando contam as coisas, pelo modo como se maravilham. Não é que eles tenham mais do que você, ou eu, o problema é que consideramos óbvia toda a realidade que está diante de nós, e por isso precisamos aprender, sobretudo com esses seus amigos: “O que você viu?”; comece a ficar atento, compare-se com aqueles que lhe foram dados: “Por que você está tão entusiasmado? O que lhe faz estar assim?”. É o seu olhar que deve se alargar, é um olhar que deve entrar no seu olhar! E o que facilita isso? Diz outro e-mail: “Em relação à mulher da música *Barco Negro*, e em relação a Madalena, dou-me conta de que normalmente não tenho essa percepção da necessidade. Também pensava nos meninos do grupo dos colegiais que, durante uma reunião na semana passada, diziam: ‘Quando não temos problemas, é difícil reconhecê-Lo’. Como desejar e permanecer na necessidade? Esse desejar e permanecer na necessidade, é amar o puro e expulsar o espúrio?”. Permanecendo na necessidade como crianças, como diz Dom Giussani quando fala sobre a Ressurreição, porque as crianças se maravilham com tudo. Nós, ao contrário, somos apáticos, porque a um certo ponto a realidade não nos fala mais. E isso, diz Dom Giussani, é o que precisamos constantemente educar; é preciso a inteligência da criança para poder olhar as coisas de modo verdadeiro: “Chama-se ‘fê’ a inteligência humana quando, permanecendo na pobreza da sua natureza original, é toda preenchida por outro, já que em si é vazia, como braços escancarados”. É isso que devemos renovar, porque a realidade está inteira ali para você, mas muitas vezes não lhe fala porque, como dizia Santo Agostinho, a realidade fala somente a quem faz a comparação com o coração. Por isso, Dom Giussani nos fez retomar tantas vezes aquele capítulo que é o ponto chave para sair desse impasse: o capítulo décimo de *O senso religioso*, porque quando a presença de Cristo ressuscitado nos faz ver as circunstâncias, nos faz ver a realidade, nos causa um sobressalto,

esse é o sinal mais evidente da Ressurreição. Vamos ler: “Este Mistério – Cristo ressuscitado – é o juiz da nossa vida [...]; a julga dia após dia, de hora em hora, de momento em momento” (p. 12). O que quer dizer que julga, que é o juiz? É como se você estivesse apaixonado; o juízo sobre o que significa a sua namorada, você pode ver através do seu relacionamento com o real, instante a instante você verifica se aquele olhar é tão determinante, tão presente, se invade tanto a sua vida que você não pode entrar na realidade, viver qualquer coisa, sem que aquela presença que se fixou nos seus ossos, determine a sua vida. Quando falta isso, quando isso desaparece, tudo fica apático; quando essa experiência é eliminada tudo se torna apático. Por que é apático em si? Não. Porque falta aquela inteligência da criança que precisamos constantemente renovar. Por isso, Giussani diz que é preciso uma educação; era a condição que Jesus sempre colocava: “Vocês podem entrar no Reino dos céus, isto é, ver toda a riqueza que a vida é e que Eu trago, somente se tornarem-se crianças”. O que faz com que você fique menos apático? Não é você que consegue isso, mas precisa deixar-se tocar com simplicidade, como uma criança, pela realidade. Lembro-me de um amigo que sofreu um acidente, ficou paralisado e sem consciência durante meses. Quando despertou, tudo lhe parecia novo, diferente, tudo era novo! Nós vemos as coisas todos os dias: e somos apáticos porque estamos acostumados, consideramos tudo óbvio. E isso requer que façamos um trabalho, sustentados por aquelas pessoas que estão perto de nós, que facilitam essa educação.

Colocação: *Nas últimas semanas, apresentamos a Mostra sobre Dom Giussani, Da Minha Vida à Vossa, na universidade. Dei-me conta de duas coisas. A primeira, é que foi uma grande graça para todos por causa dos encontros que fizemos; explicando a Mostra, todos aprofundaram o que tinha acontecido em suas vidas, e isso os tornava mais maravilhados com a realidade que tinham diante de si.*

Carrón: Essa proposta de fazer a Mostra circular encontra o primeiro impacto em nós: ficaram mais maravilhados. Depois, aquilo que o Senhor fará com o nosso sim, é tarefa d’Ele.

Colocação: *A segunda coisa é que vi em ato aquilo que o Papa nos disse no dia 7 de março em relação ao carisma e a descentrar-se: através da explicação da vida de Dom Giussani, todos os jovens aprofundaram seu primeiro amor, seu encontro com Cristo. E era isso que levavam a todos. O que nos aconteceu foi grandioso, tanto que todos se perguntaram: será possível viver sempre assim? E, nos dias que se seguiram, vimos que, com aquele olhar de Ressurreição nos olhos, se a pessoa é leal com um coração verdadeiramente necessitado, a única coisa que pode fazer é voltar a busca-Lo dia e noite. O exemplo mais surpreendente disso foi um jovem que visitou a Mostra e a partir daquele dia, continuou conosco, vindo inclusive à Assembleia que fizemos na semana passada e nos escreveu isto (é realmente de uma inteligência incrível): “Hoje, quando a Escola de Comunidade terminou, gostaria muito de poder olhar todos nos olhos e abraçá-los. Voltei para casa de trem, cheio de alegria e queria entender. Mas foi algo tão grande que a única coisa que consegui fazer foi ficar em silêncio, cheio de um estupor vivo. Como gostaria que fosse assim com cada coisa, cada encontro! E tem mais. Foi um silêncio pleno, o mesmo silêncio que vivi diante do Santo Sudário: aquele Rosto que olhei e que me atraía cada vez mais para Si, hoje encontrei-O novamente através de vocês. Apenas disse sim. Hoje, enquanto vocês falavam, fiquei comovido. Perguntei-me: por que fiquei comovido? E dei-me conta de que tenho um coração desejoso de verdade que tornou-me consciente daquilo que estava acontecendo. Vocês falavam que Jesus usou daqueles que explicavam a Mostra para lembrar que é possível viver do mesmo modo como Giussani viveu. E perguntei a mim mesmo: quem é Jesus para mim? Hoje, assim como nos últimos dias, foram vocês, verdadeiros amigos, que inesperadamente, de modo misterioso, me permitiram lembrar o motivo de eu estar no mundo e por Quem vale a pena viver. Hoje, vocês disseram: ‘Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora’. E me perguntei: mas, quem fui para vocês? Fiz uma coisa normal, disse sim, vim visitar uma Mostra, mas nessa normalidade, você, eu e os outros reconhecemos Ele vivo em nós. Eu me redescobri através de vocês, e tenho vontade de dizer: é bonito viver assim, viver com a consciência da presença de Jesus nos fazendo companhia. Quero viver sempre assim”. Fiquei tocado porque vi nesse rapaz aquilo que você falava sobre Pedro: não*

basta reconhecer o fato, é preciso uma inteligência positiva inteiramente pronta a afirmar a realidade e aquilo que a constitui.

Carrón: *Vê-se que uma presença entrou no olhar pelo fato de que a pessoa percebe em si um desejo que não tinha antes: o desejo de poder olhar todos nos olhos e abraçá-los, não como o êxito de um projeto próprio (voltar para casa pulando de alegria, em silêncio). E ali, escutando aqueles que lhe apresentavam a Mostra, teve que reconhecer quem eram eles, ou seja, a presença de Jesus, algo que entrou na sua carne e começou a introduzir uma novidade ao seu limite, às circunstâncias cotidianas. Essa é uma oportunidade que está ao alcance de qualquer um que a deixe entrar, quaisquer que sejam as circunstâncias.*

Colocação: *Eu também vou falar, com o coração cheio de gratidão, sobre encontros que fizemos na universidade durante a Mostra sobre Dom Giussani. No primeiro dia, enquanto montávamos os painéis, chegaram dois meninos que normalmente se encontram exatamente naquele lugar para fumar. Surpresos por nos encontrar ali, aproximam-se e começam a espiar. Nós perguntamos: “Querem fazer uma visita guiada?”. A Mostra abre as portas e os primeiros visitantes são os dois. No início, tinham expressões céticas e, de vez em quando, um deles dava um sorrisinho, mas aos poucos seus rostos mudaram e começaram a falar sobre si e seus questionamentos. Num certo momento, um deles nos olha e diz: “Muito bonito! Não pensava que fosse assim, as pessoas não sabem essas coisas, vocês deveriam dizê-las a todos!”. Depois, olhou para o relógio e disse: “Meninos, passou uma hora e meia! Devia ter ido almoçar com alguns amigos, o tempo voou”. À tarde, enquanto descansávamos, vejo-o no meio das folhagens, e grito: “O que você ainda está fazendo aqui?”. Ele disse que tinha uma aula, mas estava sem vontade de ir. Então, lhe digo: “Onde é a sua sala?”. Ela fica do outro lado do colégio... E completa: “Eu sei, mas queria ver vocês outra vez. Deixem seus números de telefone comigo, embora não saiba se vou ligar ou não”. No dia seguinte, ele volta e me diz: “Nunca tive uma aula tão bonita quanto a de ontem”. À tarde, imprimimos cento e cinquenta panfletos e convidamos todos os jovens que estavam na universidade. Quando meus amigos me perguntaram por que fizemos aquilo, respondi: “Porque ontem um menino que conhecemos nos disse para convidar a todos”. No terceiro dia, veio um professor nosso (sem que soubéssemos, pois ele não é do Movimento) que recebeu um convite por e-mail. Durante a visita pela Mostra, comoveu-se várias vezes. E olha o que nos escreveu no dia seguinte: “Agradeço a vocês de coração pelo convite, mas, sobretudo pela acolhida e pelo acompanhamento de hoje. É um dom especial ter por perto alunos como vocês, com o sorriso e a doçura que carregam no coração, transparentes como o ar e límpidos como a água da nascente. Esta é a imagem que hoje, com Dom Giussani, levei para casa à minha família, a quem contei sobre o que me aconteceu. O testemunho de fé de vocês em primeira pessoa representa um estímulo para ir em frente, mesmo em momentos difíceis para todos nós”. Diante desses fatos (e de outros que, agora, não tenho tempo para contar), me perguntava qual a diferença em relação aos discípulos de Emaús que, depois de ter estado com Ele, voltam para casa e dizem: “Por acaso nosso coração não batia mais forte quando estávamos com Ele?”. Dois mil anos. Cristo está presente hoje e não é uma coisa minha. Não sou capaz disso com minhas mãos, nem com toda a boa vontade. Depois, no dia seguinte, fui à missa, e o Evangelho era aquele em que Jesus diz a Simão: “Vá para águas mais profundas e lancem as redes para a pesca” (que, para mim, significa você e meus amigos, que me dizem: ‘Faça a Mostra. Dou a você essa ocasião’). E Simão responde: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és Tu que estás dizendo isto, vou lançar as redes”. Aqui está toda a minha resistência; mas, a um certo ponto, ele cede, “e tendo feito isso, pegaram tal quantidade de peixes que as redes começaram a rasgar-se”. Se olho para os peixes pescados, diante da tentação de me sentir orgulhoso pelo bom trabalho feito, abaixo a cabeça e digo: “Obrigado, Senhor, porque a única coisa que fiz foi seguir-Te”. Estou entendendo cada vez mais que esse Tu, com letra maiúscula, coincide com um rosto humano. A realidade, a companhia do Movimento, os meus amigos, as propostas que nos são feitas são a carne de Jesus que vem tomar-me para me dizer: “Amigo, venha aqui, responda-Me e lhe faço ver quem Eu sou”. Mas, para mim, a maior descoberta de todas não foram tanto os peixes pescados, mas dar-me*

conta novamente de que o primeiro “camarão” que foi capturado, misteriosa e indignamente, foi exatamente eu. De fato, enquanto via como muitos dos jovens encontrados buscam uma resposta para suas vidas, as perguntas que têm, as resistências que não conseguem superar, lembrei-me de um episódio em que Dom Giussani, falando sobre um homem que conhecera há pouco tempo, diz: “Quando vejo [...] como se aflige, como busca o caminho, há um respeito que nasce exatamente da certeza que tenho; porque alguém que tem certeza, quando vê alguém incerto, sente grande piedade e diz: Deus, o que eu fiz para ser diferente dele?”.

Carrón: A novidade no cotidiano das circunstâncias banais de todos os dias é simplesmente essa intensidade de viver que a Ressurreição introduziu na vida. O juízo que emerge desses fatos é que Cristo está presente porque introduz essa novidade. A questão é se nós, quando não acontece, sentimos falta dela e voltamos a Ele. Não porque queremos gerá-la com nossas tentativas, mas para deixar entrar a Sua presença no meu eu que está sufocando nas circunstâncias.

Colocação: *Por ocasião da apresentação da Mostra, havia a possibilidade de que os painéis chegassem alguns dias antes na cidade; então, pensei em montá-la na escola onde dou aulas. Trata-se de um Instituto paritário, de ensino fundamental e médio, com cerca de trezentos e cinquenta alunos. Pensei em fazer visitas guiadas somente com as minhas turmas, durante os meus horários, até porque a Mostra ficaria na escola apenas durante dois dias, depois ela iria para outro lugar. Por razões logísticas, a Mostra foi montada no hall, onde estão as máquinas de café e onde os alunos passam o recreio. Uma de minhas turmas (um terceiro ano do ensino médio) acabou fazendo a visita à Mostra durante o recreio, num momento em que muitos alunos estavam parados na fila das máquinas de café. Já estava para pedir silêncio com mais ênfase, mas num determinado momento, enquanto falava, cheguei diante do painel “Mulher, não chores!” e, repensando e tendo bem presente aquilo que, primeiro Dom Giussani e, depois, você, sempre repetiram, disse aos meus alunos: “Meninos, imaginem este fato, essa mulher que segue o féretro do filho, essa mulher desesperada que perdeu o marido e agora perdeu também seu filho. Imaginem a dor, imaginem a angústia dessa mulher. Tentem imaginar suas lágrimas, que nenhum homem pode enxugar. E Jesus se aproxima e diz: ‘Mulher, não chores!’. Quem pode fazer uma coisa do gênero? Há alguém capaz de dizer uma frase assim? Quem pode fazê-lo?”. Parei de falar e percebi que o burburinho inicial tinha desaparecido. Levantei os olhos e vi que os presentes no hall – não os contei, mas eram muitos porque todo o colégio estava no horário do intervalo e havia também os meus colegas, bebendo café – estavam em silêncio e olhavam para o painel; não olhavam para mim, olhavam para o painel e para aquela pergunta. Quando cheguei ao fim da Mostra estava perplexo porque havia um silêncio muito maior do que o burburinho inicial. Depois de algumas horas, alguns jovens se aproximaram e me disseram: “Professor, pode apresentar a Mostra para nós também?”. Assim, durante dois dias apresentei a Mostra praticamente sem interrupção. Apresentei-a até a um grupo de colegas professores, coisa impensada e imprevisível. Agora, não sei o que vai acontecer, mas o que aconteceu é uma resposta para mim, é um fato que mexeu com meu coração. Talvez alguém pudesse olhar para isso, e provavelmente alguém o fez, como algo pequeno. Aliás, alguns disseram que os apóstolos estavam bêbados, portanto talvez – eu não estava bêbado! –... Mas isso não elimina nada daquilo que aconteceu. No fim, um rapaz – e isso me tocou muito – se aproximou de mim e me disse: “Professor, por que ninguém nos diz essas coisas?! Por que o senhor não nos disse isso antes?”. E me senti um pouco pequeno, porque no fundo é um pouco assim. Sobretudo neste período de exames, a minha preocupação é a de preparar os jovens, não falar sobre um Homem que, agora, apesar de tudo, apesar de todos os problemas, diz: “Não chores!”.*

Carrón: O que me impressiona da simplicidade destes testemunhos é que o primeiro ganho é para nós, quer dizer, que o convite que o Papa nos faz para sairmos, para comunicarmos aquilo que nos aconteceu é, antes de tudo, para nós; porque é diferente a pessoa ver acontecer essas coisas na realidade como ocasião para desafiar qualquer que seja o momento apático pelo qual está passando, qualquer que seja a dificuldade. A fé cresce, como sempre nos dissemos, quando é doada, quando é compartilhada, porque ela nos foi dada para que a compartilhemos em qualquer circunstância, nesse

caso, a Mostra sobre Dom Giussani. Porque, quando nossos irmãos homens encontram isso, nos dizem: “Você precisam dizê-lo a todos!”. “Professor, por que ninguém nos diz essas coisas?!”. Qual é a nossa contribuição? O que esperam de nós? O que significa ser uma presença? Todos estes testemunhos nos mostram verdadeiramente qual é a espera de tantos que vivem perto de nós. Por isso, na nossa tentativa de viver aquilo que nos aconteceu, de entrar cada vez mais naquilo que nos foi dado, entendemos o método de Deus, como Deus alcança outros e os muda. Como Dom Giussani nos disse, somente se a nossa fé cresce constantemente, poderá tornar-se um bem também para todos os outros.

* * *

Antes de concluir, quero dizer uma palavra sobre a manifestação do próximo dia 20 de junho, sobre a qual discutimos nestes dias. A defesa da família é uma urgência fortemente discutida em toda a Igreja: o Papa falou sobre isso mais uma vez no domingo passado, no *Angelus* e, sobretudo, no Congresso das Dioceses de Roma. O Pontifício Conselho pela Família fez uma declaração sobre isso, além de muitos bispos, associações e movimentos eclesiais. A Secretaria da Conferência Episcopal Italiana (CEI) também expressou oficialmente uma posição, reforçando a urgência de unidade de todos os católicos sobre o tema da família. Toda a Igreja partilha dessa posição. Todavia, a CEI declarou que ninguém tem o monopólio do modo de intervir no debate público e político. Por isso, considerou que a Igreja italiana não apoiaria diretamente manifestação. Portanto, ir às ruas no dia 20 de junho é apenas uma das opções, livre e legítima, mas que pode ser completamente discutível. Isso significa que não temos a convicção de que a família deva ser defendida?

Lembro-me da experiência feita na Espanha, que pode valer como exemplo. Nós, espanhóis, fizemos muitas manifestações, e mais numerosas, para defender a família (não creio que nenhum outro país tenha feito tantas), levando às ruas milhares de pessoas. Todos nós sabemos que isso não levou ao sucesso que desejávamos, ao contrário, sabemos como as coisas terminaram: uma legislação muito mais permissiva em relação aos “novos direitos”. O que aprendemos com isso? Que as manifestações públicas, que são uma modalidade legítima em uma sociedade democrática como a nossa, têm efeito temporário. E que é ainda mais urgente reconhecer aquilo que repetimos citando o então Cardeal Ratzinger, que teve a coragem de dizer certas coisas as quais, a meu ver, temos dificuldade de perceber: que estamos diante da “queda de antigas seguranças”, das evidências mais elementares. Por isso, na colocação sobre as eleições europeias do ano passado fiz a seguinte citação: “Na época do Iluminismo [...], na contraposição das confissões e na crise iminente da imagem de Deus, tentou-se manter os valores essenciais da moral [isto é, a família, a vida, etc] fora das contradições e buscar para elas uma evidência que as tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Assim, quis-se assegurar as bases da convivência e, mais em geral, as bases da humanidade. Naquela época pareceu possível, enquanto as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo em grande parte resistiam e pareciam inegáveis”. (J. Ratzinger, *L'Europa di Benedetto e la crisi delle culture*, LEV-Cantagalli, Roma-Siena 2005, p.61). Qual foi o êxito dessa “pretensão”? Ratzinger responde sem meias-palavras: “Falhou” (*Idem*, p. 62). Isso pode nos desagradar, mas é um dado. Por isso, o primeiro realismo é constatar que as coisas estão assim e que, portanto, nós somos chamados a viver esses desafios, assim como o – justíssimo – desafio em relação à família, em um contexto totalmente novo. E esse novo contexto é um desafio, antes que para os outros, para nós: o que torna possível – a nós! – resistir em um mundo onde tudo, tudo, diz o oposto? Como nossas famílias farão para não se perderem, em sua consistência, na educação dos filhos, no relacionamento entre marido e mulher? Ainda acreditamos que o método de Deus é capaz de assegurar isso ou não?

Agora, o que escrevemos em uma declaração interna às comunidades – que não é um comunicado oficial, um documento ou um panfleto, como alguns escreveram nestes dias – e que intencionalmente não colocamos no site de CL, era apenas uma ajuda para chegar a um juízo. Não é que nos esquecemos de assiná-la – não temos problema algum em assiná-la, assim como não tenho

nenhum problema para falar abertamente com vocês sobre essas coisas –, não a quisemos assinar de propósito; e agora, explico por quê. As preocupações contidas na declaração estiveram presentes desde a primeira reunião, de 27 de março último, promovida pelo Caminho Neocatecumenal, para a qual fomos convidados junto com todas as associações católicas. Naquela reunião, exatamente as manifestações espanholas, das quais lhes falei, foram citadas como exemplo de uma grande mobilização católica. Naquela ocasião e na reunião seguinte, na qual foi anunciada como já decidida a data da manifestação (apesar de não se ter chegado a um consenso na reunião anterior), explicamos por que não achávamos oportuno, especificamente para afirmar o valor da família, a modalidade proposta de fazer uma manifestação pública. Discutindo sobre quais instrumentos seriam mais adequados para enfrentar o tema da defesa da família, não se chegou a uma hipótese clara e compartilhada. Assim como nós, grande parte das associações católicas italianas (Ação Católica, Renovação do Espírito, Comunidade de Santo Egídio, Focolares, membros da Opus Dei) e o Fórum das Associações Familiares não acharam oportuno aderir. E, assim, aquela que tinha sido pensada como uma iniciativa dos católicos tornou-se uma manifestação “não confessional”, sem siglas e bandeiras, à qual aderiram o Caminho Neocatecumenal e outras siglas como a Aliança Católica, Manif pour Tous, Pro Vita. Nesse ponto, sentimo-nos livres e, por isso, achamos fora de contexto, assumir – como Movimento – uma posição pública a respeito da manifestação. Mas já que nas últimas semanas tantos amigos pediram uma ajuda para dar um juízo sobre a iniciativa, preparamos a declaração. A não adesão não foi ditada por uma tática política, mas por um critério de realismo e prudência, porque a história recente demonstra que todas as vezes que para defender um valor se pensa nas ruas, o êxito não é uma possibilidade de incidência positiva, mas uma barreira; o processo não é interrompido nem desacelerado, mas acelerado. Por outro lado, já em 2007, por ocasião da proposta de uma manifestação dos católicos em relação ao projeto de lei sobre o reconhecimento das uniões de fato heterossexuais e homossexuais (os famosos DICO: “Direitos e Deveres das Pessoas com Relações Estáveis”), expressamos juízos análogos, convencidos de que no clima cultural em que vivemos é difícil que as contraposições levem a resultados construtivos e convincentes, porque vivemos em uma sociedade onde a ideologia prevalece sobre a experiência. Nesse sentido, sublinhávamos que a tendência à ideologização se combate através do testemunho de uma experiência em que se possa constatar que a família é um “a mais” de humanidade. E isso não significa, então, fechar-se nas sacristias, porque esse “a mais” se dá na vida! O testemunho na vida cotidiana também é pública, assim como a manifestação nas ruas; não significa que uma seja privada e a outra, pública. Caso contrário, nos perdemos facilmente e, sobretudo, negligenciamos o aspecto mais importante, que é o educativo. Em 2007, a CEI pediu explicitamente a nós e a todos os outros movimentos e associações para que apoiássemos as manifestações; e nós obedecemos. Agora, evidentemente, o contexto diferente sugeriu aos Bispos uma escolha diversa. E nós continuamos seguindo. Isso não impede que – como disseram, ainda, os Bispos – quem quiser ir, vá.

De onde partir, nesse contexto? Nestes últimos tempos, falamos muitas vezes sobre os cristãos perseguidos. Quando tudo desmorona, de onde eles partem? Ao que recorrem, se não àquilo que nos dissemos esta noite, ao testemunho da novidade de vida que Cristo ressuscitado introduziu na vida? Em uma situação como essa, o método é o de mostrar um a mais de humanidade no testemunho da vida cotidiana. Mas, para nós, isso, muitas vezes, parece muito pouco, e por isso nos impressiona o método de Deus que, quando decidiu tornar-se homem, despojou-se de Si mesmo, vivendo como um dos muitos (ninguém teria feito assim, nenhum de nós teria feito isso!) e apostando tudo sobre a atração que a Sua pessoa provocava em todos. E nós sabemos isso, porque Dom Giussani nos comunicou o cristianismo assim. O que me impressiona é a dificuldade que temos para entender. Torna-se decisivo para nós o dever do testemunho dentro das circunstâncias cotidianas, também com os instrumentos da nossa profissão. Nossa contribuição para o debate consiste na comunicação de uma positividade última em toda situação e relacionamento; e essa é uma tarefa que cada um pode – e deveria – viver no diálogo com qualquer pessoa. Porque o problema está aqui: quando as famílias desaparecem, quando as pessoas não são mais capazes de se manter de pé diante da realidade, há algo que veem abrir uma possibilidade para elas? Porque as nações estavam cheias de

boas leis, mas isso não deteve a avalanche que estamos vivendo agora. Também faz parte desse testemunho, a defesa de um espaço de liberdade para cada um e para todos, como dissemos por ocasião das eleições europeias. E, como escrevemos depois dos atentados de Paris, “espaço de liberdade quer dizer espaço para nos afirmarmos, cada um ou em conjunto, diante de todos. Onde cada um ponha à disposição de todos a sua visão e a sua forma de viver. Essa partilha fará com que nos encontremos a partir da experiência real de cada um, e não de estereótipos ideológicos que tornam impossível o diálogo” (J. Carrón, “O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris”, *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27). Pedimos a mesma liberdade de viver e de educar que os outros pedem para si.

Um amigo me escreveu, falando-me de uma preocupação que muitos pais sentem: “No fim, é difícil responder à preocupação maior: como proteger meus filhos? É indiscutível a necessidade de testemunhar-lhes a ‘vida’ e de supervisionar o que é proposto na escola ou em outros contextos, mas frequentemente me pergunto se isso é suficiente. Como pai, gostaria de protegê-los sempre e isolá-los do mal do mundo, e tenho a tentação de lutar no lugar deles. No contexto em que vivemos, parece-me que podem ser vencidos pela força de uma ideologia verdadeiramente devastadora e, às vezes, tenho dúvida se já não é inevitável enfrentar a invasão. Sei bem que a história nos ensina que o que enfrentou as invasões bárbaras não foi o que restava do exército romano, mas a ‘vida’ dos monges; porém, durante aquelas invasões, muitos caíram e a minha preocupação de pai é que os ‘caídos’ possam ser meus filhos”. Por isso, parece-me útil para nós ver como os nossos amigos cristãos perseguidos educam os filhos para enfrentarem os desafios da vida. Vamos assistir a um vídeo.

Projeção do vídeo da [entrevista com Myriam](#), refugiada iraquiana de Qaraqoush.

- “Durante a nossa visita a esse campo, ficamos surpresos em encontrar esta menina que nos disse que assistia ao nosso programa, ‘Laysh Hayak’. Chama-se Myriam. Como vai, Myriam?”
- “Bem, e você?”
- “Muito bem”
- “Você assiste, mesmo, o nosso programa?”
- “Sim”
- “Você gosta de SAT-7 Kids?”
- “Sim”
- “De onde você é? Também é de Qaraqoush?”
- “Sim, sou de Qaraqoush”
- “Você tem dez anos, certo?”
- “Sim”
- “Há quanto tempo está neste campo?”
- “Há quatro meses”
- “O que mais lhe faz falta de Qaraqoush e que você não tem aqui?”
- “Tínhamos uma casa onde nos encontrávamos para brincar e aqui não temos, mas graças a Deus, Deus se preocupa conosco”
- “O que você quer dizer com ‘Deus se preocupa conosco’?”
- “Que Deus nos ama e não permitiu que a ISIS nos matasse”
- “Você sabe o quanto Deus ama você, não é?”
- “Sim, Deus ama todos nós, não só a mim, Deus ama todos”
- “Acredita que Deus também ama aqueles que fizeram mal a você, ou não?”
- “Ele ama, mas não ama Satanás”
- “O que você sente em relação àqueles que lhe obrigaram a deixar sua casa e lhe causaram dificuldades?”
- “Não quero fazer nada com eles, só peço a Deus para perdôá-los”
- “E você, consegue perdôá-los?”
- “Sim”

- “Mas é muito difícil perdoar quem lhe fez sofrer, Myriam, ou é fácil?”
- “Eu não quero matá-los. Por que matá-los? Só estou triste porque eles nos tiraram de nossas casas. Por que fizeram isso?”
- “Você gostava da sua escola em Qaraqoush, não é verdade?”
- “Sim, eu era a primeira da classe”
- “Você também tinha amigos na escola?”
- “Sim”
- “Estão aqui com você, ou não há ninguém?”
- “Há, mas não sei onde estão”
- “Talvez algum deles esteja assistindo SAT-7 Kids na televisão, agora. O que você gostaria de dizer a eles?”
- “Eu tinha uma amiga antes de vir para cá. Chama-se Sandra, ficávamos juntas o dia inteiro. Todos os dias ficávamos juntas na escola e embora não morássemos perto, nos queríamos bem. Se uma fazia algo errado com a outra, nos perdoávamos. Às vezes, brincando, nos machucávamos, mas nos perdoávamos. Gostávamos uma da outra, agora eu gostaria apenas de revê-la”
- “Não sabe onde ela está agora, não é?”
- “Não, não sei”
- “Se Sandra está nos vendo, tenho certeza de que pensará em você e tenho certeza de que gosta de você, Myriam”
- “Gosta muito de mim e eu gosto muito dela. Espero revê-la um dia”
- “Eu gostaria muito de estar com você no dia em que a encontrar”
- “Espero”
- “O que espera?”
- “Espero voltar para casa e que ela também volte para casa, assim poderemos nos rever”
- “Espero que você volte para uma casa ainda mais bonita do que a sua primeira casa”
- “Se Deus quiser. Não aquilo que nós queremos, mas aquilo que Deus quer, porque Ele sabe”
- “Você não fica triste, às vezes? Não parece, por exemplo, que Jesus se esqueceu de você?”
- “Não. Às vezes choro porque deixamos a nossa casa em Qaraqoush, mas não tenho raiva de Deus porque deixamos Qaraqoush. Agradeço porque Ele cuida de nós. Mesmo se estamos aqui sofrendo, Ele nos dá aquilo de que precisamos”
- “Você me ensinou muitas coisas”
- “Obrigada, você também me ensinou muitas coisas”
- “O que lhe ensinei?”
- “Você me ensinou... Não, não ensinou, quero dizer que compartilhou o que sinto. Você compartilhou comigo... de algum modo, queria que as pessoas soubessem como me sinto, como as crianças se sentem, aqui”
- “Sabe que Jesus nunca lhe abandona?”
- “Ele nunca se esquece de mim. Se você realmente crê, Ele nunca lhe abandona”
- “Você se lembra de alguma música que goste de cantar quando está sozinha? Para falar com Jesus? Ou não se lembra de nenhuma?”
- “Sei algumas canções”
- “Você cantaria para mim, para nós, a sua canção preferida? Mesmo que seja uma canção curta, o que você acha?”
- “Lembro-me de uma: *Que alegria o dia em que acreditei em Cristo. A minha alegria era completa ao nascer do sol e a minha voz cantava com gratidão o meu amor pelo meu glorioso Salvador. Crescerá dia a dia. Uma nova vida, um dia feliz quando me reunirei com meu Amado. Por amor, veio, oh, que amor maravilhoso! Fez-me justiça em nome de uma aliança santa. O meu amor pelo meu glorioso Salvador crescerá dia após dia. Uma nova vida, um dia feliz, quando me unirei ao meu Amado*”.

Muitas vezes, ficamos preocupados ou assustados pelos filhos, por causa do contexto em que vivem, pela violência ideológica realmente imponente que os assedia. Mas, aqui, há mais, como

vocês viram: Myriam, dez anos, vive em um contexto onde a violência – ideológica e física – lhe tirou tudo. Mas todo o mal do mundo não consegue paralisar uma menina como ela. Por isso, representa um grande desafio educativo para nós: podemos criar filhos que, nesse contexto, possam viver diante dos desafios que precisarão enfrentar? Do que precisam para viver como Myriam? Que testemunho os cristãos perseguidos oferecem a nós, cristãos ocidentais? Do que precisamos para criar filhos capazes de viver como ela? Esse é um grande desafio. Esse é o grande desafio educativo. Qualquer que seja a possibilidade que temos de bloquear alguma coisa, a raiz última do desafio é esta: se a fé, qualquer que seja o contexto em que a vivemos, é capaz de resistir. Por isso, como dissemos nos Exercícios, “está no mistério da Ressurreição o cume e o ponto alto da intensidade da nossa autoconsciência cristã”. Nós precisamos que isso se torne cada vez mais carne da nossa carne para podermos comunicá-lo aos nossos jovens.

Avisos

O trabalho da Escola de Comunidade continua até o fim de junho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade, incluindo o início da Assembleia, porque a primeira pergunta e resposta se referem exatamente à Introdução. Junto com os Exercícios retomaremos também o primeiro capítulo da segunda parte do livro *Por que a Igreja?*, da página 105 à página 115.

Nos meses de julho a setembro retomaremos a palestra dos Exercícios de sábado de manhã junto com as perguntas e respostas da Assembleia relativas a essa palestra, da página 91 à página 100 e 104-105. Nessa palestra, como sabemos, falamos sobre a dificuldade de inteligência causada por uma situação não evoluída do senso religioso que definimos, com uma expressão de Bento XVI, um “estranho obscurecimento do pensamento” (Bento XVI, *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*, LEV, Cidade do Vaticano 2010, p. 47); por causa disso, como vemos, não reconhecemos mais nem mesmo as coisas mais elementares da vida. Então, a pergunta sobre a qual convido vocês a trabalhar é: o que nos ajuda a sair desse estranho obscurecimento? Onde você percebeu que saiu desse obscurecimento e o que tornou possível a você reconhecer a realidade, a evidência elementar das coisas? Porque isso documenta que a Ressurreição é verdadeiramente um fato que invade a vida e que nos permite olhar para tudo, assim como a Igreja olha para tudo na noite de Páscoa. Esse é o juízo. A Ressurreição é um juízo, por quê? Porque ninguém poderia imaginar olhar para tudo – da pergunta sobre porque vale a pena ter nascido à culpa, ao mal, à dificuldade – sem a ressurreição de Cristo. Temos os próximos meses para nos ajudar a entender verdadeiramente o contexto no qual somos chamados a viver a fé.

Entrevista em *La Repubblica*. Em relação à entrevista que dei ao jornal *La Repubblica* sobre as investigações de Roma, como não dispomos de grandes instrumentos de comunicação, nos quais, pelo contrário, aparecemos continuamente, peço a cada um de vocês que se empenhem realmente em divulgar o máximo possível o conteúdo dessa entrevista junto aos amigos e conhecidos nos lugares que frequentam.

Férias de verão europeu. As férias comunitárias terão como tema: “Quando surpreendemos e reconhecemos na nossa experiência uma presença no olhar?”. Não façamos reflexões abstratas sobre o que é a presença, mas verifiquemos quando a reconhecemos, quando nos demos conta de que apenas essa presença no olhar nos permite olhar tudo de um modo novo, o relacionamento entre mim e mim mesmo, entre mim e minha mulher, entre mim e as coisas e as pessoas.

Durante o verão e as férias sugerimos propor publicamente nos lugares em que estiverem, a Mostra sobre Dom Giussani, *Da Minha Vida à Vossa*, e o vídeo de Dom Giussani, *O Pensamento, os Discursos, a Fé*.

Além disso, propomos fazer uma discussão sobre o texto de Bardy (*A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos*), para a verificação do que a leitura desse texto provocou e que juízo e perguntas fez nascer; é uma ocasião para repropô-lo e compartilhar uns com os outros aquilo que cada um pôde ganhar com esse texto. Propomos a sua leitura exatamente porque somos chamados a viver a fé em um contexto similar ao descrito por Bardy nos primeiros séculos.

Lembramos a importância da participação no [Meeting de Rimini](#) (20-26 de agosto de 2015); pedimos que cada um vá pelo menos um dia.

Livros para o verão:

Un'attrattiva che muove. La proposta inesauribile della vita di don Giussani, organizado por A. Savorana, com a coletânea dos encontros de apresentação do livro da vida de Dom Giussani.

Tutta la gloria nel profondo. Il mondo, la carne e padre Smith, de Bruce Marshall.

Vive come l'erba... Storie di donne nel totalitarismo, de Bonaguro, Dell'Asta e Parravicini.

La mia porta è sempre aperta. Una conversazione con Antonio Spadaro, entrevista de A. Spadaro com o Papa Francisco.

Foi lançado *Em caminho*, o DVD da Audiência de 7 de março de 2015 com o Papa Francisco. Propomos esse vídeo como ocasião para tomarmos ainda mais consciência do encontro feito e daquilo que o Papa nos propôs.

A Jornada de Início de Ano acontecerá no sábado, 26 de setembro de 2015, em Milão em conexão com muitas cidades da Lombardia e da Itália.

Veni Sancte Spiritus

Bom verão a todos!